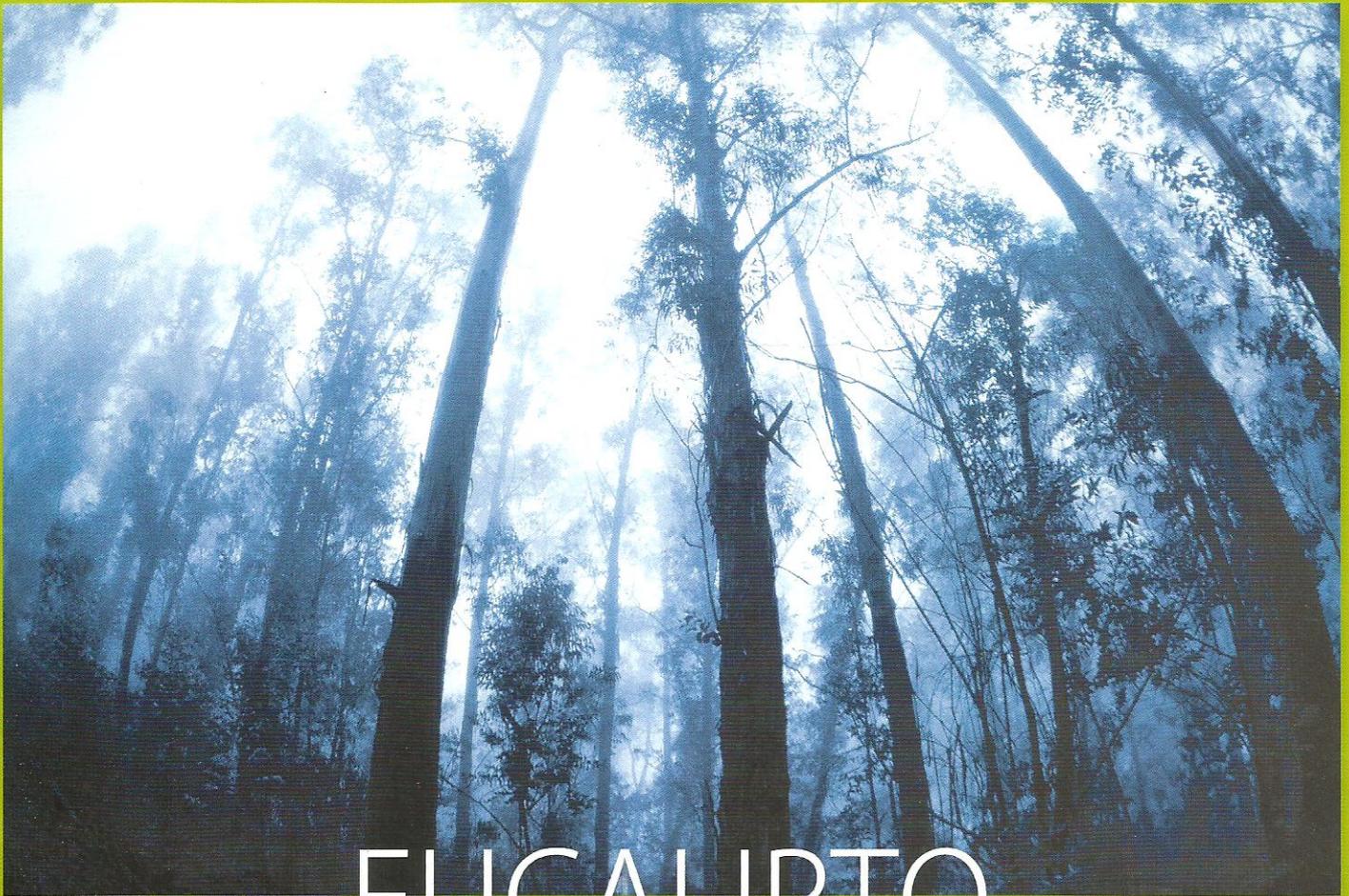


Celulose & Papel

Revista oficial da **Bracelpa** - Associação Brasileira de Celulose e Papel



EUCALIPTO

Preconceitos vencidos

- ▶ **Suprimentos: perspectivas**
- ▶ **Fundação Museu Ema Klabin**
- ▶ **Saúde: Medicina Ortomolecular**



Parabéns Aracruz!

Continue sempre
contando com a
nossa **garra,**

com os nossos **cabeçotes**, com os
nossos **harvesters** e **forwarders**...

Ser o número 1 é um desejo coletivo. Toda empresa, toda pessoa, seja em qualquer ramo de atividade, sonha em alcançar o topo. Por isso, quando se consegue um prêmio desses, todos que de alguma forma contribuíram para o processo, sentem-se prestigiados.

A Aracruz mais um vez chegou lá. Foi classificada pela revista Exame na edição "Melhores e Maiores", como a empresa do ano no segmento Papel e Celulose. Chegou ao topo e com ela levou um pedacinho da Valmet. Afinal é um grande orgulho trabalharmos com esta vencedora, que possui 90% da frota de máquinas de colheita florestal, com a nossa marca.

Parabéns Aracruz! E conte sempre com a gente.



 **Valmet**

Komatsu Forest

Fone: (41) 667-2828

www.komatsuforest.com.br

Uma advertência muito séria



foto: divulgação

Alerta já havia sido dado por empresários brasileiros do segmento de celulose e papel e transmitido ao próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva e à ministra do Meio Ambiente Marina Silva: urge ampliar nossa área de florestas plantadas, de modo a fazer frente aos novos investimentos anunciados pelo setor para os próximos 10 anos, totalizando US\$ 14,4 bilhões, com a conseqüente criação de mais 60 mil empregos diretos -- e milhares de indiretos -- e a duplicação do volume de exportações do segmento.

Eis que uma nova advertência, que parte de fórum tão adequado quanto competente para avaliar o patrimônio florestal mundial, surge durante a recente reunião do Comitê Consultivo de Florestas da FAO - ONU, realizada em Roma, onde o Brasil tem dois representantes, Mario Leonel, diretor executivo da Bracelpa; e Boris Tabacof, presidente deste Comitê. Segundo os participantes do Comitê, a falta de madeira é uma questão tão grave no presente que leva à crença generalizada de que o anunciado "apagão florestal" pode ser mais iminente do que apregoam alguns especialistas, provocando, em conseqüência, a falta de capacidade para atender a demanda dos produtos que utilizam madeira como matéria-prima. Os exemplos narrados pelos representantes dos Estados Unidos, Canadá e Japão, principalmente, evidenciam que o declínio de florestas remanescentes utilizáveis evolui com enorme rapidez e que só o plantio de grandes florestas de cultivo auto-sustentado, como faz o Brasil, poderá minimizar o problema latente. Registre-se ainda a necessidade premente de ampliação da área de florestas jovens capazes de absorver o gás carbono da atmosfera do planeta, responsá-

vel pela célere mudança climática e agravamento, já em níveis preocupantes, do efeito estufa.

O exemplo brasileiro do setor de celulose e papel, cujo plantio de árvores para as suas necessidades atinge uma extensão de 1,5 milhão de hectares, agregados a outro milhão e meio de florestas nativas preservadas, e que conta com moderna tecnologia de manejo florestal, precisa frutificar. É preciso ainda lembrar que a escassez de madeira coloca em risco não só o segmento produtivo, mas suas conseqüências comprovadamente positivas de geração de milhares de empregos, fixação do homem ao campo nas áreas florestais plantadas e uma significativa fatia de exportações que contribui para o superávit da balança comercial brasileira (9% do total em 2003).

O governo dá mostras de haver absorvido quão urgente é a necessidade de expansão das florestas plantadas, não só para repor o verde e absorver o gás carbônico da atmosfera em áreas anteriormente devastadas pelos nossos antepassados em busca do alargamento das fronteiras agrícolas, como querem os ambientalistas, mas como incentivo à geração de renda e para afastar o risco evidente do chamado "apagão florestal". Provou isso ao lançar o Programa Nacional de Florestas (PNF), com a ambiciosa meta de plantar 2 milhões de hectares entre 2004 e 2007, investindo R\$ 1,8 bilhão. O plano é factível e extremamente necessário para reverter o déficit de 200 mil hectares/ano de plantio e atender, concomitantemente, o objetivo anunciado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva de aumentar a participação brasileira no mercado de derivados florestais que movimentam US\$300 bilhões anuais. "O Brasil responde por apenas 2%, enquanto a Finlândia, com um território equivalente à metade de Minas Gerais, detém 8%", enfatizou o presidente Lula no lançamento do PNF.

Ano 20 - novembro e dezembro de 2004 - nº 75

A revista **Celulose & Papel** é órgão oficial da Bracelpa - Associação Brasileira de Celulose e Papel.

Rua Afonso de Freitas, 499
CEP 04006-000 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3885-1845
www.bracelpa.org.br

Conselho Editorial: Alberto Fabiano Pires, Alfred Freund, Leomir Trombini, Mário Higinio Leonel e Ruy Haidar

Celulose & Papel é produzida e editada pela



ISSN 0102-5279

Diretoria: Alaôr José Gomes e Reginaldo Finotti

Diretor de Redação e Editor: Reginaldo Finotti

Redação: Vanessa Cecília da Silva e Eliana Haberli

Colaborador: Gustavo Xavier

Reportagem e pesquisa: Tânia Teófilo

Fotos: Divulgação

Relações Públicas: Lina Carla Finotti e Ana Claudia Quadros Gomes

Redação, administração:

Av. Paulista, 2006, 11º andar, cj. 1108/1109,
São Paulo - SP - CEP 01310-926
Fone/fax: (11)3254-4301/02/03

celuloseepapel@unipresscomunicacao.com.br

Publicidade e Programação Visual:



Diretores: Alexandre Vello Saes
Cláudio Ferreira
claudio@interjob.com.br

Diretora de arte: Raquel Buim Barradas
raquel@interjob.com.br

Rua São Félix, 91 - Santo André - SP
CEP 09090270 Fone.: (11) 4432-2018

Fotolitos e impressão: StudioA



sumário

Os preconceitos que o Eucalipto venceu

06

Conheça um pouco da história de um século do eucalipto na vida econômica brasileira. Até conquistar lugar de destaque como matéria-prima de confiança e como insumo que pode ser produzido em harmonia com o ambiente, o eucalipto venceu muitos preconceitos.

Fornecedores colhem os frutos que plantaram

12

O bom desempenho do setor de celulose e papel e os planos futuros alavancaram o setor gráfico, que faz balanço positivo para este e o próximo ano.

A Evolução dos Congressos e Eventos do setor:

16

O novo ciclo de crescimento do segmento de papel e celulose, que até 2012 vai investir US\$ 14 bilhões, estimula a atualização dos profissionais da área e aumenta a importância dos eventos, que passam a ser cada vez mais importantes na discussão do futuro.

E MAIS:

Empresa: Trombini Embalagens	18
Gente: José Luciano Duarte Penido	20
Saúde: Medicina Ortomolecular	24
Notas:	26
Opinião: Mário Leonel	31



A gente mostra o caminho das pedras.

E também do cimento, da madeira, do ferro, do combustível e de mais uma série de produtos que usam a logística da Vale.

PARA O BRASIL E SUA EMPRESA CRESCEREM, VOCÊ PODE CONTAR COM A VALE LOGÍSTICA.

Para o nosso país crescer é fundamental ter uma logística eficiente. Quando se pensa em soluções integradas de logística, nada se compara com a experiência e estrutura da Companhia Vale do Rio Doce, seja por trilhos, rodovias ou mar. Estamos presentes nos segmentos de maior importância para a economia brasileira desde commodities até produtos de maior valor agregado. São mais de 9.000 quilômetros de malha ferroviária, 8 terminais portuários, serviços de navegação costeira e ampla infraestrutura de armazenagem apoiados por modernos recursos de tecnologia da informação. Em 2004, serão investidos mais de 400 milhões de dólares em infra-estrutura, confirmando nosso compromisso com o desenvolvimento do país e parceria com os nossos clientes.



Inteligência em logística.

www.cvrd.com.br/logistica

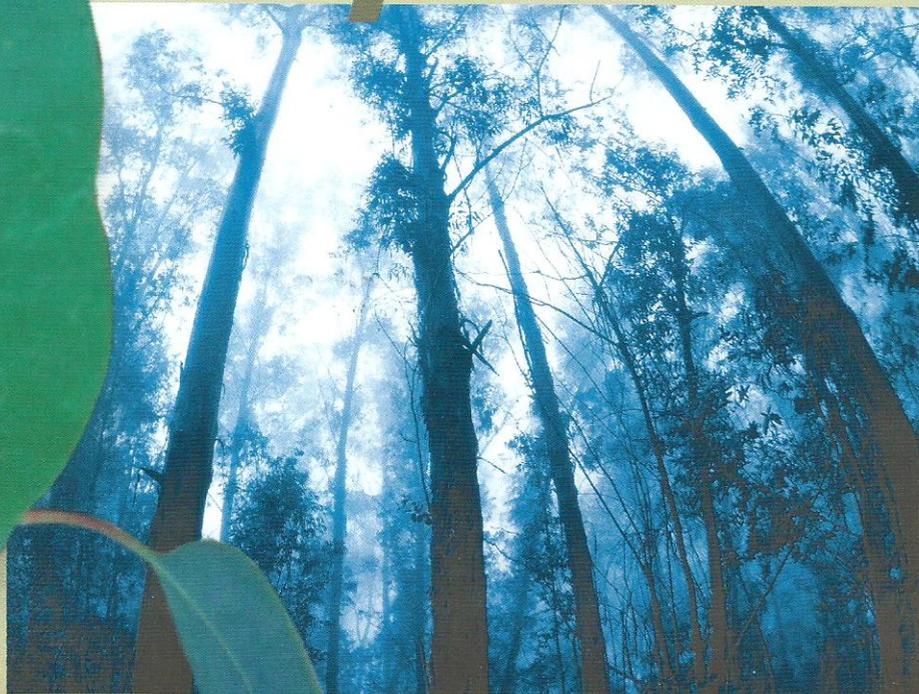


Companhia
Vale do Rio Doce

Os preconceitos vencidos pelo Eucalipto

O eucalipto, essa árvore altaneira que forneceu dormentes e combustível para as estradas de ferro brasileiras a partir de 1904, entrelaçou, desde aquela época, seu destino com o da expansão econômica brasileira. Útil e adaptável, foi pintando o mapa brasileiro de verde em muitas regiões e chegou, um século depois, a uma posição de destaque na produção industrial e na exportação. Venceu muitos preconceitos para se firmar como matéria-prima de confiança, como base de fornecimento sustentável, como insumo que pode ser produzido em harmonia com o ambiente e como merecedor da terminologia florestal.

7 verdades que o eucalipto provou



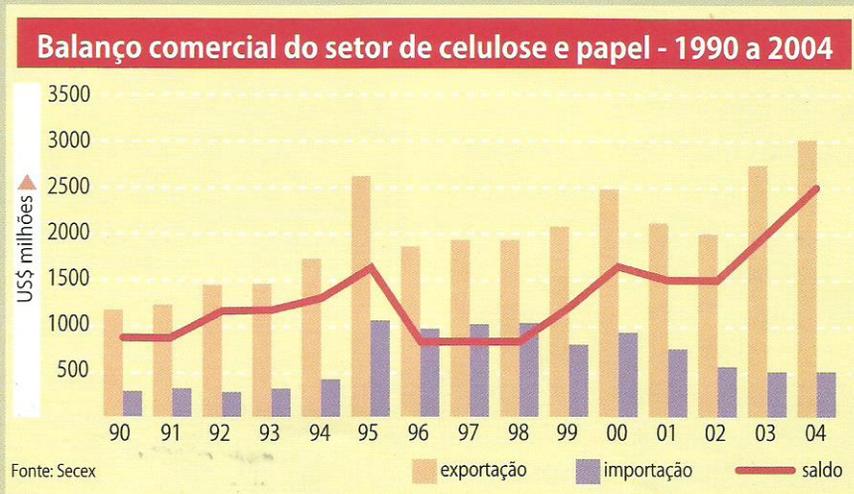
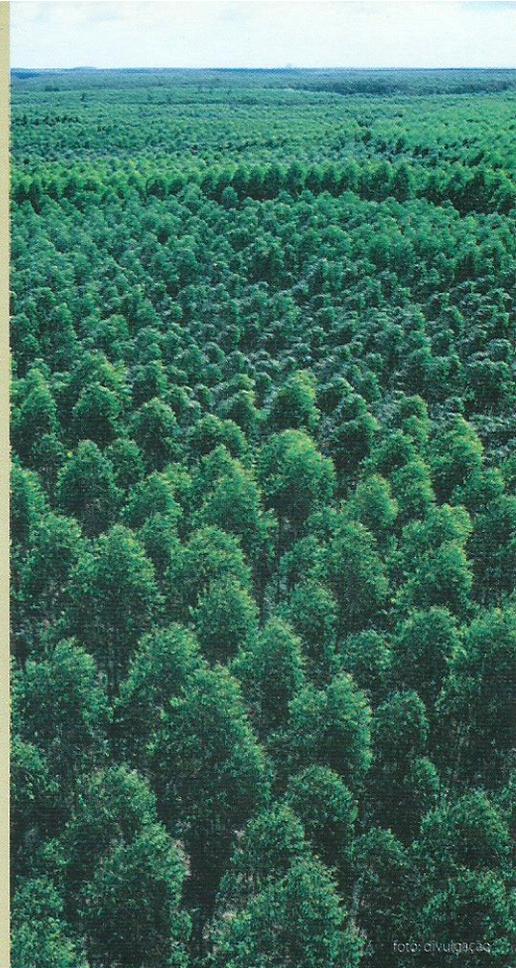
1 A fibra curta dá boa celulose

A produção de celulose de fibra curta a partir do cerne do eucalipto é uma das histórias de pioneirismo do desenvolvimento brasileiro e tem muitos episódios memoráveis. O primeiro é a vontade do agrônomo Edmundo Navarro de Andrade que no começo do século passado começou a pesquisar árvores para a Cia. Paulista de Estradas de Ferro, que precisava de madeira e lenha. Escolheu 12 espécies de eucalipto, plantadas pela ferrovia.

Quarenta anos mais tarde, duas novas histórias de pioneirismo decidiram o futuro das indústrias de base florestal. Observando os eucaliptos que se espalhavam em torno da cidade de São Paulo, ocorreu a Hasso Weisflog, da Cia. Melhoramentos, pesquisar a árvore como fonte de celulose para fabricação de papel. Usava-se então celulose proveniente de pinheiros, nacional e importada. Weisflog, herdeiro de imigrantes chegados da Alemanha no final do século 19, reforçou com eucalipto as primeiras floretas comerciais brasileiras do setor. Na mesma época, outro imigrante, o judeu russo Leon Feffer, instalava uma máquina de papel no bairro paulistano do Ipiranga,

para tentar produzir matéria-prima para sua tipografia e seu comércio de produtos de papelaria, base da empresa que iniciou a pesquisa fundamentada do eucalipto, a Suzano. A II Guerra Mundial que dividia, no palco europeu do conflito, conterrâneos dos fundadores da Melhoramentos e judeus como Feffer, preocupava a todos no Brasil do mesmo jeito. Poderia faltar matéria prima, era necessário achar uma fonte brasileira de celulose.

2 A pesquisa é imprescindível



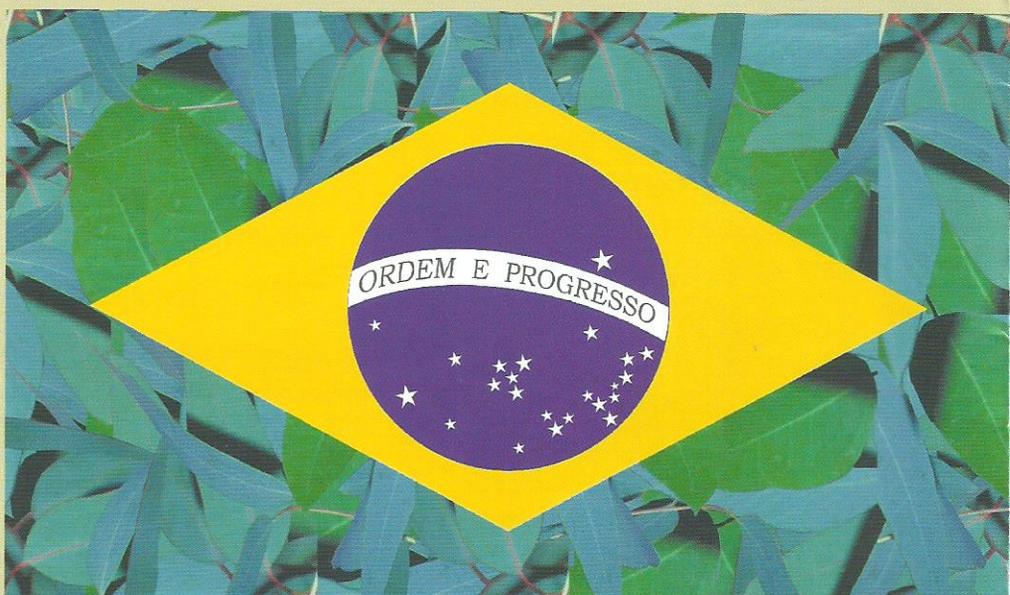
Uma forte característica do crescimento da produção de eucalipto no Brasil é a pesquisa científica. "A história do eucalipto está ligada à pesquisa. O sucesso vem daí" define o professor Carlos Alberto Labate, responsável pelo recém batizado laboratório

Max Feffer de Genética de Plantas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da USP, a Esalq de Piracicaba. Labate dirige 35 pesquisadores nos estudos da genômica do eucalipto. "São pesquisas de genética, biologia molecular e bioquímica para

buscar o sequenciamento de ESTs, (etiquetas de seqüências expressas, fragmentos do código genético que ajudam a identificar os genes) dos melhores genes” resume. “Queremos avançar no conhecimento do eucalipto e formar pessoal, gerar tecnologia e produzir patentes”. O laboratório da Esalq leva o nome do dirigente (falecido em 2000) da Suzano, empresa que apóia a investigação científica. O trabalho é desenvolvido com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Fapesp, que criou o programa ForESTs de busca de novos genes em 2001. O programa objetiva desenvolver árvores que possam aumentar a produtividade e reduzir custos nos processos industriais e é co-financiado pela Votoratim, Ripasa e Duratex, além da Suzano. “O Brasil inovou na questão da pesquisa da clonagem nos anos 80, vencendo um preconceito” atesta o professor Labate. Outro grande programa de pesquisa de melhoramento genético desenvolvido no Brasil é o Genolyptus, Rede Nacional de Pesquisa do Genoma do Eucalyptus, do governo federal, envolvendo as universidades e a Embrapa e apoiado por empresas do setor. Os trabalhos desenvolvidos em centros de pesquisa

e nas próprias empresas elevou muito a produtividade das árvores, desde os tempos de Navarro de Andrade. Dos iniciais 10 metros cúbicos por hectare/ano, o eucalipto brasileiro chega hoje a pelo menos 30 metros cúbicos.

3 O eucalipto é brasileiro



Da família das mirtáceas, como a goiabeira e a jabuticabeira, o eucalipto gostou do clima brasileiro, mais úmido e agradável do que o da Oceania, onde se originou. Australiano de origem, brasileiro naturalizado, o eucalipto passou a se desenvolver em diversas partes do Brasil a partir do começo do século 19, a princípio como planta ornamental. Hoje ele pouco tem de “exótico” termo

técnico para classificar as plantas que não são nativas. É tão brasileiro como o café, planta também “exótica”, originária da Etiópia e introduzida no Brasil no século 18. Há 100 anos atrás, o eucalipto foi plantado para substituir espécies como peroba, cabreúva, jequitibá. Respondendo rápido, crescendo alto, permitindo o primeiro corte aos sete anos de idade,

acabou se tornando a base da silvicultura econômica, ao lado do pinus. Nem os que apostaram nele no início poderiam prever que o Brasil teria hoje o patrimônio verde de 1,5 milhão de hectares de eucalipto.

Nos anos 70, com os Planos I e II de Papel e Celulose, o Brasil passou da condição de importador a produtor de produtos florestais. Nos anos 80, tornou-se exportador.

Este ano, a indústria brasileira produziu, no primeiro semestre, 4,7 milhões de toneladas de celulose, 6,6% mais do que na primeira metade de 2003, informa a Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa). As exportações cresceram 18%, alcançando 2,3 milhões de toneladas. O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de celulose de mercado, a commodity excedente do volume destinado à produção de papel e outros bens. Quando se considera apenas a celulose de fibra curta de eucalipto, o Brasil é imbatível, responsável por 55% da produção mundial.

Celulose de mercado 2003 (milhões de T)

Canadá	9,1
Estados Unidos	8,6
Brasil	5,1
Suécia	3,9

fonte: Bracelpa

4 Eucalipto também é floresta

Preocupados com a devastação das matas nativas brasileiras, muitos se levantaram contra as plantações de eucalipto que cresceram em vários Estados. A legítima preocupação caluniou a imagem do eucalipto com pecados que são cometidos,

na verdade, pela ampla falta de respeito ambiental.

Esse preconceito está sendo vencido pelos programas de manutenção de biodiversidade das maiores empresas e pelos órgãos governamentais, interessados no desenvolvimento ecologicamente sustentável.

Mostrando seu lado ecológico, o eucalipto ganha certificação ambiental. As empresas produtoras de madeira e celulose passaram a associar sua imagem e marcas a processos inofensivos ao meio ambiente, atestados por auditoria independente.

“O número de empresas interessadas na certificação sócio-ambiental é cada vez maior” diz André Giacini de Freitas, engenheiro florestal da Imaflora, que concede selos ambientais assinados pelo respeitado FSC (Forest Stewardship Council ou Conselho de Manejo Florestal).

O selo verde passou a ser exigido pelos compradores de papel e celulose





Um dos três organismos que atuam no País, a Imaflora já certificou 22 empresas no Brasil, 14 delas com florestas plantadas. As certificações estão sempre relacionadas com preservação de áreas de mata. Para o superintendente florestal da Ripasa, Pablo Vitez Garcia, o selo, que era exigência do mercado europeu para produtos de madeira, passou a ser exigido também pelos compradores de papel e celulose.

5 O eucalipto deve ajudar a natureza

O governo federal acentua a vocação auto-sustentável do eucalipto com o Plano Na-

cional de Florestas (PNF) programa lançado este ano para aumentar a base florestal brasileira por meio de plantações de pequenos agricultores. "Expandir a atividade florestal brasileira não é apenas um bom negócio, mas também uma oportunidade para criar um cinturão verde sustentável, que proteja a mata nativa e gere inclusão social" disse no lançamento o presidente Lula. Diversas empresas se associaram a instituições financeiras para apoiar pequenos agricultores no plantio, como a Cenibra em Minas Gerais e a Votortim Celulose e Papel, no Rio Grande do Sul.

A busca de auto-sustentação das empresas que usam matéria prima florestal, vem se

desenvolvendo junto com práticas de manejo dirigidas cada vez mais para a preservação de ecossistemas. Cultivo de mudas, cuidados ambientais, pesquisas e estudos visando o aprimoramento de técnicas silviculturais exigem investimentos de cerca de R\$ 500 milhões anuais das maiores empresas do setor de celulose e papel. Entre reserva legal e preservação permanente as maiores empresas de celulose e papel têm hoje 2,6 milhões de hectares com cobertura vegetal nativa. Um dos maiores programas ambientais de proteção de microbacias é desenvolvido com grandes resultados pela Aracruz Celulose no Espírito Santo.

6 O eucalipto é nobre

Hoje ninguém mais fala em móvel de jacarandá e a expressão “madeira de lei” vai sendo esquecida. A hora é da madeira plantada, certificada, valorizada pelo design e pela funcionalidade. A hora é do eucalipto, que de cidadão de segunda classe passou a ser fornecedor de produtos nobres.

O eucalipto no mercado da moda

Ronaldo Luis Cella, gerente de Comercialização e Fomento da Klabin, diz que hoje trabalha para o mercado de “madeira de alta resistência e beleza”. É o mercado que vive das tendências de moda de centros como a Alemanha e a França, de consumidores que respondem prontamente tanto à sofisticação dos produtos como aos apelos ambientais. O operoso município de Telêmaco Borba, no Paraná, sede da maior unidade da Klabin, se tornou importante centro de distribuição de madeira de eucalipto para produtos de maior valor agregado. A Habitare Móveis Ecológicos, sediada naquele

município, vende assoalhos com certificação ambiental, com tons rosados para mogno nenhum botar defeito. “O que vale é o tratamento que a madeira recebe” diz um dos seus promotores de venda.

7 O eucalipto desperta vocações

Depois de provar a sua utilidade econômica e harmonia ambiental, o eucalipto tem futuro garantido no Brasil. Mais que os analistas econômicos, quem respalda uma próspera continuação da história são os jovens com vocação profissional para trabalhar na área ambiental.

“Eu gosto muito de Exatas mas não queria ser engenheira”, conta a jovem Tércia Teixeira Alonso, 18 anos, caloura de Engenharia Ambiental na Unip de Sorocaba. Resolveu aliar o amor às ciências exatas com outro grande amor, a Natureza. “A Natureza foi estragada, degradada, mas daqui para frente as coisas têm que melhorar. Eu gostaria de me formar como engenheira florestal e ir trabalhar na Amazônia. Mas sei que isso não vai ser muito fácil. Então poderei trabalhar em florestas planejadas, por que não?”

O engenheiro florestal Rubens Garlipp, superintendente da Sociedade Brasileira de Silvicultura, relata o que aconteceu no ensino superior e na pesquisa no País para que sonhos como os da jovem Tércia fossem possíveis hoje.

“Pode-se citar como o primeiro marco, na metade do século passado a criação da Escola Nacional de Florestas em Viçosa – MG, depois transferida para Curitiba. Daí surgiram cursos superiores de Engenharia Florestal em todo o Brasil. Depois dos incentivos fiscais do governo federal em 1966, tivemos a criação do IBDF – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e muitos institutos de pesquisas conjuntas entre universidades e empresas. Dentro das empresas e em todos os organismos cooperativos criados, há necessidade de bons profissionais”.

É a certeza final da inserção do eucalipto no futuro brasileiro.

Eliana Haberli

Fornecedores colhem os frutos que plantaram

Expansão econômica de 2004 traz resultados e previsões positivas para fornecedores de máquinas e produtos especiais

As grandes empresas se prepararam, se ajustaram e investiram. O prêmio por esse esforço veio com o aquecimento econômico de 2004 e se traduziu em crescimento de receita para os grandes fornecedores como a Voith e a Heidelberg. A Voith Paper Brasil, divisão da Voith AG que produz máquinas para papel há 40 anos, informou em setembro, final do seu ano fiscal 03-04, que seu faturamento aumentou impressionantes 80%.

Também Dieter Brandt, o presidente para a América Latina da Heidelberg, maior fabricante mundial de produtos para a indústria gráfica, anunciou numa coletiva em S.Paulo previsão de crescimento de 10% no setor da empresa no ano fiscal que termina em março próximo. A Heidelberg detém 60% do mercado de impressoras planas da América Latina e 70% das instalações de rotativas comerciais.

Atentas às oportunidades do mercado, tanto a Heidelberg como a Siemens I&S anunciaram inovações vindas da Alemanha, para seus fornecimentos do setor de papel. Máquinas e soluções gráficas lançadas este ano na Alemanha foram anunciadas numa oficina de trabalho no Senai para os clientes convidados da Heidelberg, que mantém parceria com a entidade de serviço industrial. A divisão I&S da Siemens mostrou na Expoman 2004, em setembro, em Curitiba, o novo sistema de acionamento modular que fornecerá à empresa alemã Papier-Kartonfabrik Varel, num contrato de 4,5 milhões de euros. A previsão da Siemens é que em cinco anos, a receita total com os serviços e soluções que fornece, cresçam 75%.



foto: divulgação

Laços estreitos com o cliente

Os resultados de crescimento que as indústrias fornecedoras do setor de papel e gráficas estão colhendo são baseados em processos de relacionamento cada vez mais estreitos com os clientes.



foto: divulgação

A Voith do Brasil celebrou 40 anos com a visita da diretoria alemã da empresa ao país que consolidou as tradições da matriz e recebe dela investimentos em pesquisa e desenvolvimento

de novas tecnologias. Os laços com o Brasil são antigos. O fornecimento da primeira máquina de papel, de cilindro monolúcido, foi feita para uma empresa do atual grupo Ripasa em 1923. Hoje 80% da produção brasileira de papel provém de máquinas Voith. Os bons resultados da Voith Paper do Brasil foram baseados principalmente no crescimento das exporta-

ções, que representam 54% do faturamento total. A indústria exporta para a América Latina, Estados Unidos, Canadá, Oceania, para a própria Alemanha e agora fornece prensas para a China, o país que mais incrementou importações do setor celulósico e papeleiro do Brasil. Também os recentes pedidos da Votorantim Celulose e Papel de Mogi e da Ripasa Santista embasam os resultados positivos da Voith, que deverão continuar no próximo ano. A subsidiária brasileira tornou-se o Centro de Competência de Combiners e Desaguadores de Celulose para o grupo todo.



foto: divulgação

Aproximação com parceiros

A open house de três dias montada pela Heidelberg em São Paulo aconteceu na Print Media Academy, laboratório que mantém dentro do Senai do paulistaníssimo bairro da Mooca, para uso de empresários e técnicos gráficos de todo o Brasil. A Heidelberg quer trazer para o público que não frequenta feiras internacionais, as novidades lá exibidas. Já foram feitos cursos para 2.600 participantes na PMA, desde que foi criada, há quatro anos. Neste ano, os investimentos na oficina foram de 4 milhões de euros. A estratégia é uma das impulsionadoras do crescimento anunciado por Brandt no Brasil, que é o dobro, em porcentagem, do crescimento internacional do grupo.

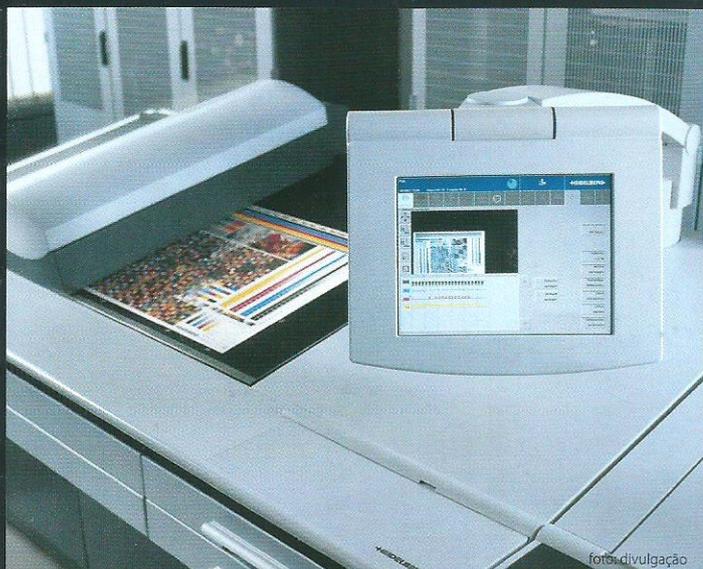




foto: divulgação

Por dentro da indústria

A 3M do Brasil, que iniciou suas atividades há 48 anos em Campinas, SP, com o saudoso nome de Durex, também cresce, junto com o crescimento da produção brasileira de papel, que tradicionalmente acompanha. A empresa se empenha num canal de comunicação direta com o cliente. Durante a última Escolar 2004, Feira Internacional de Produtos e Tecnologia para Escolas, Escritórios e Papelarias, que aconteceu no início de setembro, em São Paulo, levou 300 revendedores para sua sede em Sumaré. O objetivo era estreitar relacionamentos, trocar experiências de negócios e conversar sobre as dificuldades do setor.



foto: divulgação

Mais vital ainda, é o relacionamento com os clientes industriais de papel, a quem fornece fitas especiais para bobinas.

“Acompanhamos tudo que está acontecendo dentro da indústria”, diz Valéria Chaves, do departamento de Marketing. Se nossas contas grandes, como a VCP, a Ripasa e a Suzano estão revisando seus processos de produção, com vistas a reduzir custos, temos que acompanhar tudo, para oferecer as melhores soluções”. A assistência técnica, o serviço de relacionamento e a troca de conhecimentos são os ingredientes desse relacionamento.

Bons números

O setor gráfico navega sob bons ventos em quase todo o mundo. A Heidelberg prevê crescimento do PIB na América Latina este ano de 4,6% e de 3,5% no ano que vem. No Brasil os números são parecidos, 4,5% e 3,9% respectivamente. Mas o setor, acredita

a empresa, estará acima desses percentuais. A expectativa é corroborada pelos números da Associação Brasileira da Indústria Gráfica, Abigraf, que apontou alta de 7,3% no primeiro semestre deste ano.

Fóruns de C&P

debatem novos parâmetros

O novo ciclo de crescimento estimula a atualização e aumenta a importância dos eventos

Os eventos de celulose e papel ganham tamanho e importância, na medida em que o próprio setor busca novos caminhos, tanto na abertura de mercados quanto no aperfeiçoamento de processos e gestão. Congressos, feiras e exposições se tornam importantes ferramentas para atualização dos profissionais de um setor que deve investir, até 2012, R\$14 bilhões, num novo ciclo de crescimento.



O sucesso de um evento, acham os organizadores, depende de trabalho sério, de apoio das empresas do setor, e de muita “manga arregaçada”. Para Fernando Franzoni, presidente da Associação Nacional de Profissionais de Venda de Celulose, Papel e Derivados, a Anave, “o arrojado plano de investimentos do setor celulósico significa que teremos um maior volume de produção e equipamentos, fator importante para impulsionar eventos”.

Eficiência

Selma Ugolini, gerente de negócios da Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel, ABTCP, entidade que realizou em outubro a 37ª Exposição Internacional de Celulose e Papel, concorda com essa análise.

“Este ano observamos, por parte dos expositores, muito investimento nos stands, com propaganda, banners, marketing e mídia paralela à feira. Os investimentos anunciados pelas empresas de celulose e papel e o bom posicionamento no mercado têm motivado os fornecedores a aparecerem para seu público”. A primeira edição da Exposição da ABTCP, que chegou ao número 37, contou com 60 empresas expositoras, tendo crescido mais de três vezes de lá para cá.



Eficiência, um dos temas do congresso da ABTCP deste ano, também foi o tema que fechou o último encontro da Anave, em agosto. O Fórum Anave, também data marcante do calendário dos profissionais do segmento, lotou o auditório da Fiesp, debatendo “Desafios do Setor: Grandes Investimentos e Novos Mercados”.

“Os profissionais de todas as empresas que integram a cadeia de negócios necessitam cada vez mais de informações para que possam se adequar às necessidades das organizações

que representam” diz Fernando Franzoni, adiantando que precisará de um local maior no evento do ano que vem, para abrigar o crescente número de interessados.



“A moderna gestão de negócios está bem distante de práticas de outras décadas; o mercado mudou e os eventos precisam acompanhar esse ritmo”.

Para Fabio Mestriner, presidente da Associação Brasileira de Embalagens, a ABRE, o público é cada vez mais exigente, portanto os eventos têm de ser cada vez mais profissionais. “O profissional precisa crescentemente do ambiente de trocas e estímulo que os eventos do setor proporcionam, mas a noção de tempo é cada vez mais valiosa. Você não vai tirar um profissional do escritório dois dias seguidos, se o seu evento não valer a pena”, afirma.

A ABRE realiza a cada dois anos o conceituado Congresso Brasileiro de Embalagens, que vem crescendo desde a primeira edição, há 22 anos. O temário do último encontro, em setembro, foi Inovação.

Para o presidente da ABRE, os eventos para serem bem sucedidos precisam se basear em dois fatores: ter foco e ter palestrantes de importância reconhecida.

A maior exposição do setor

Patrocinada pela ABTCP, Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel, a 37ª Exposição Internacional de Celulose e Papel teve 200 expositores entre 18 e 21 de outubro no hotel Transamérica, em São Paulo. O público foi de 12 mil pessoas. Em paralelo, o 37º Congresso

debateu o tema “Eficiência Operacional”, de grande repercussão entre os profissionais do setor, que buscam soluções para equacionar controles operacionais e aumento de produtividade. Inovações tecnológicas e busca da excelência diante do cliente e outros públicos também estiveram no cardápio de debates.

Anunciada pela associação como o maior evento do segmento na América Latina, a feira ocupou 7.300 m² de área, com stands da Voith, Metso Paper, Jaakko Poyry, Dow Brasil, Degussa, Cargill, Basf e ABB, entre outros. Foram exibidas inovações para as diversas etapas da produção. “Imperdível” classificou a gerente de negócios da entidade, Selma Ugolini.

O Congresso ABTCP 2004 teve sessões técnicas, workshops, mesas-redondas e fórum de debates, que abordaram assuntos como automação e controle de processos, celulose, meio ambiente, e sistemas integrados de gestão.

O conagraçamento do setor, promovido pela ABTCP, teve outro fato marcante em setembro, com o lançamento do livro “A História da Indústria de Celulose e Papel no Brasil”, que apresenta as principais fases deste mercado. O livro, primeiro do gênero, traça uma linha cronológica da evolução do papel no Brasil desde a época do Império. Para a confecção da luxuosa edição a ABTCP contou com o patrocínio da Albany, Carbocloro, Corn Products, Iguazu Celulose e Papel, International Paper, Klabin, Norske Skog Pisa, Papirus, Peróxidos, Santher, Specialty Minerals, Voith Paper e Votorantim Celulose e Papel.



Renato Trombini

Renato Trombini,
presidente da maior
produtora de papelão
ondulado do Sul do Brasil,
conta seus 63 anos de
história no setor.

Trombini

Trombini se prepara para reprimir seu crescimento

“Se o setor de embalagens fechar este ano com crescimento de 15%, e nossa empresa seguir essa porcentagem, talvez até um pouco acima, temos que estar preparados para o aumento da produção”. É como se manifesta o presidente da Trombini Embalagens, Renato Trombini. Uma das maiores produtoras de embalagens de papelão ondulado e de sacos de papel multifoliados do Brasil, ela irá investir mais de 30 milhões de dólares, até 2006, para ampliar sua capacidade produtiva de papel e de embalagens, (que hoje está acima de 90% de utilização), e adquirir novos equipamentos de ondulação, impressão e modernização. Interessante ressaltar que a empresa já

obteve crescimento de 15% no ano passado, quando o mercado encolhia.

A empresa sediada no Paraná, com unidades industriais também em Fraiburgo (SC), Canela e Farroupilha (RS), tem 2.300 funcionários e produz cerca de 400 mil toneladas/ano de papel, sacos e embalagens de papelão ondulado. É a maior produtora de papel reciclado, de sacos multifoliados e embalagens de papelão ondulado do sul do Brasil. E exporta sacos de papel para a América do Norte e Central.

Novos produtos

O primeiro passo de adequação ao crescimento foi dado com o lançamento do AAA – Triple A Paper, novo papel para sacos multifoliados, que amplia a eficiência das embalagens. O AAA foi apresentado na Feira da Embalagem (Feipack), realizada

em setembro, em Curitiba. “É uma inovação tecnológica, que amplia a qualidade e a resistência dos sacos; um papel de alta porosidade que permite uma maior aeração para o produto embalado, no momento do envase, o que amplia, em muito, a velocidade de embalagem”.

Um mercado que a empresa enxerga como de enorme potencial é o de hortifrutícolas. A Instrução Normativa dos ministérios da Agricultura e da Saúde padronizando as embalagens e exigindo sua higiene, está dinamizando o comércio dos produtos in natura, na visão do empresário. A consequência das exigências legais são produtos menos prejudicados no transporte e manuseio, inteiros, sem pragas, fungos ou bactérias.

“Estamos investindo nesse mercado com o desenvolvimento de embalagens moduláveis de padrão internacional, que já comprovaram

sua eficiência, e têm o aval da Ceasa do Paraná. Protegendo melhor as frutas, legumes e verduras, reduzimos as perdas e o desperdício, com melhores ganhos para produtores rurais, atacadistas, supermercadistas e também para o consumidor” resume.

Dando grande valor às ações de qualidade total e marketing, e atuando com intensidade no pré e no pós-venda, a empresa cria embalagens adequadas para cada cliente, voltadas para a funcionalidade no empilhamento, no transporte e na refrigeração.

Embalagens



História

A Trombini Embalagens surgiu em 1.941, com a constituição de uma pequena firma individual, a Mirtillo Trombini, que se dedicava ao comércio de papéis e representações em geral. A partir de 1.957, a empresa já havia se transformado em sociedade limitada, com a adesão dos irmãos de Mirtillo, Sinibaldo e Geraldo – e dos filhos dos três.

Reinvestindo os lucros no próprio negócio, buscado novas tecnologias e oportunidades, surgiu o Grupo Industrial Trombini. Hoje verticalizada, a Trombini atua na fabricação de celulose, papel, papel reciclado, sacos de papel e embalagens de papelão ondulado, a partir de florestas planejadas, cultivadas e replantadas para a produção de celulose.

“Com atuação nacional – e hoje internacional – a Trombini

se desenvolveu fundamentada nos princípios do melhor atendimento possível aos seus clientes – tanto, que possui clientes fiéis há décadas, no País todo”, afirma o presidente.

Gestão e qualidade

“Desenvolvemos uma grande parceria com os nossos clientes, buscando atendê-los da melhor forma possível e melhor do que os nossos concorrentes o fariam, antecipando as necessidades, desenvolvendo embalagens perfeitas para cada uso de proteção, embalagem, estocagem, manuseio e transporte”, assegura o dirigente da empresa.

A empresa obteve certificação ISO 9001 de qualidade e está se adequando para conseguir ISO 14000 de gestão.

Instalada entre os Parques Barigüí e Tinguí, em Curitiba, ao lado do Parque do Caracol, em Canela e nas cidades de Fraiburgo e Farroupilha, a Trombini é uma referência nacional em controle ambiental e contribuição ecológica e social. A empresa desenvolve diversos programas sociais, junto às comunidades onde está instalada, atendendo a crianças, idosos e adultos, em ações que visam a melhoria da qualidade de vida das pessoas, assim como das atividades da comunidade – como o comércio, o ensino e o atendimento a excepcionais.

Penido estréia no setor

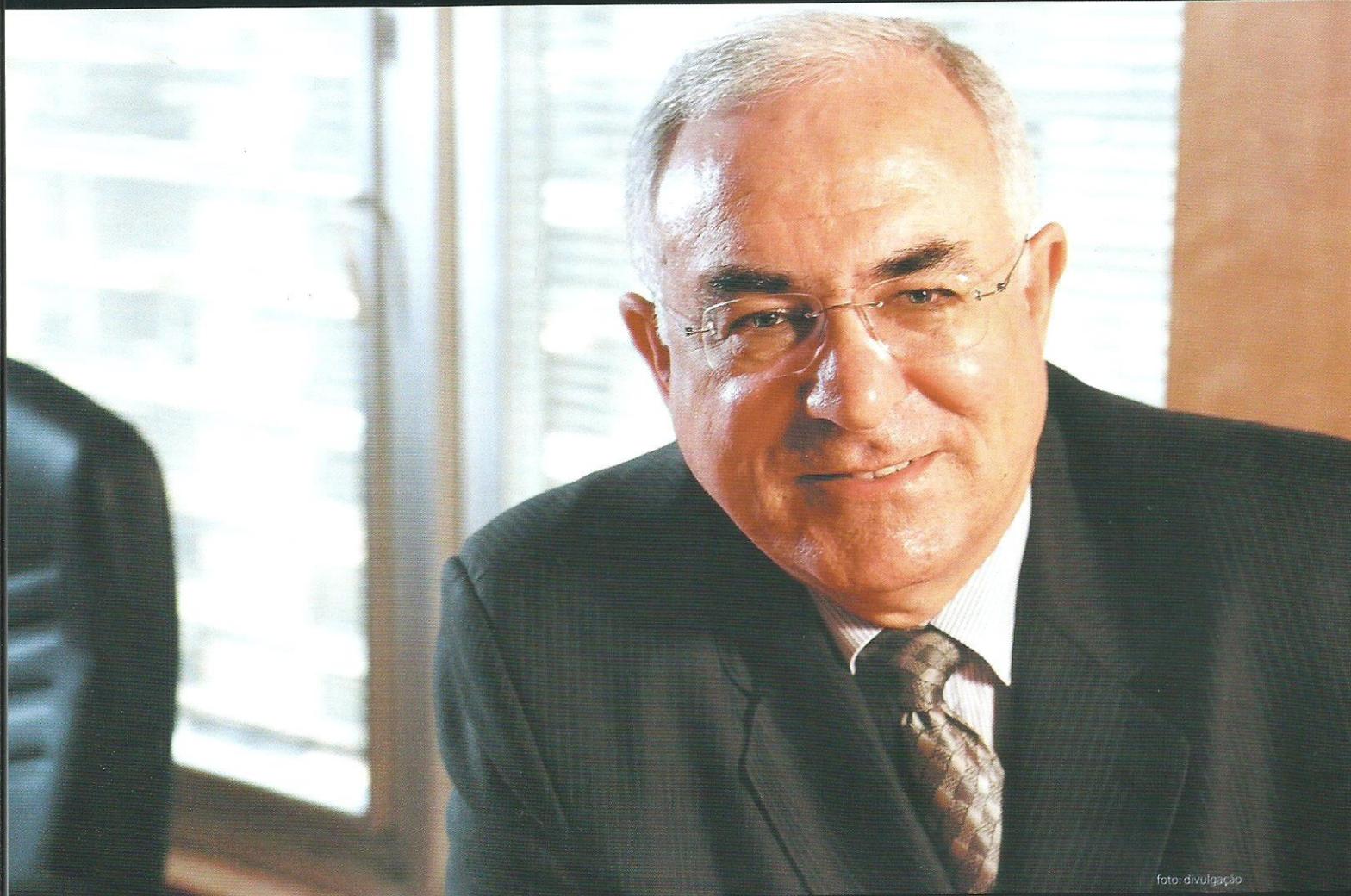


foto: divulgação

Mineiro de Itabira, o engenheiro José Luciano Penido, assumiu uma das líderes do setor, com duas prioridades: cultivar um bom relacionamento interno e dar mais espaço para oportunidades e mudanças.

O engenheiro José Luciano Duarte Penido ingressou no setor de celulose e papel no início deste ano, depois de ser convidado para o cargo de diretor-presidente de uma das líderes no Brasil e na América Latina, a VCP – Votorantim Celulose Papel S.A (o terceiro maior empreendimento do Grupo Votorantim). O executivo migrou do segmento de minério de ferro, depois de presidir por 11 anos a Samarco, empresa que exporta 100% da sua produção. “Gosto de me sentir em posição de desafio, isso me motiva. O setor brasileiro de celulose e papel é muito pujante e daqui a 15 anos estará mais interessante ainda”, define Penido.

Diretor presidente da Votorantim Celulose e Papel

No primeiro ano na presidência da VCP, o dirigente comemora os bons resultados do segundo trimestre. No período, a VCP registrou receita operacional líquida de R\$ 763 milhões, alta de 28% em comparação com o mesmo período de 2003. A geração de caixa operacional (EBITDA), comparada com o mesmo período no ano passado, foi 24% maior (R\$ 342 milhões). A receita

proveniente das vendas de celulose cresceu 60%, alcançando R\$297 milhões; na venda de papel a evolução foi de 14%, atingindo R\$ 467 milhões.

A Votorantim Celulose e Papel foi apontada pela sétima edição de “As Empresas Mais Admiradas”, da revista Carta Capital, como a número um do setor. A empresa foi eleita por um grupo de 1.300 executivos de todo o País, que consideraram fatores como qualidade de produtos e serviços, inovação, qualidade do ambiente de trabalho, responsabilidade comunitária e ambiental.

Mineiro de Itabira, Penido não deixa de falar da esposa e da família, a quem atribui a base da sua estabilidade emocional, e confessa: “a minha netinha de dois anos é meu maior xodó”. É um apaixonado por música, leitura e teatro, porém pense duas vezes antes de convidá-lo para ir ao cinema. “Não sou muito fã, durmo mesmo”, brinca.

C&P - Desde de janeiro deste ano, o senhor assumiu o cargo de diretor-presidente da Votorantim Celulose e Papel. Conte um pouco da sua trajetória profissional antes de assumir a VCP.

José Luciano Duarte Penido - Sou engenheiro formado pela Universidade Federal de Minas Gerais. Iniciei minha carreira na década de 70, em

Serra do Navio, município de Macapá, Amapá. Trabalhei 16 anos em uma empresa de mineração do Grupo Belgo, a Samitri. Lá desempenhei várias funções ligadas a operações das minas de minério de ferro, liderei um programa de exploração geológica em todo o Brasil, e fui responsável pela engenharia e implantação de projetos industriais. Em 1988, dirigi, por três anos, a Samarco Mineração, companhia que exporta a totalidade da sua produção de pellets de minério de ferro, assumindo, em 92, a presidência. Nesse cargo trabalhei por 11 anos até receber o convite da VCP para assumir o lugar do Dr. Raul Calfat, que passou à direção geral da Votorantim Industrial.

C&P - Assumir o cargo de diretor-presidente na VCP foi um desafio? O que o motivou a entrar nessa área?

Penido - Eu gosto de me sentir em posição de desafio, isso me motiva. O setor brasileiro de celulose e papel é muito pujante, tem grande potencialidade. Isso já ficou claro e tem sido percebido como dominante em celulose de fibra curta, graças a suas vantagens competitivas, não apenas climáticas, mas tecnológicas e em silvicultura. Em papel ainda vamos passar por um projeto muito estimulante de reafirmação das nossas competências e da nossa competitividade no cenário internacional.

Esses são fatores que me estimularam, muito, somado ao fato de ter sido um convite do Grupo Votorantim.

C&P - Durante sua participação no Fórum da Anave, o senhor ressaltou que responsabilidade social é apaixonante, que até pode parecer modismo, mas na verdade é um sinal para importantes mudanças.

Penido - Tenho percebido que a maioria dos CEOs está num processo de aprendizado, começando a perceber que uma empresa tem que gerar não somente resultados econômicos, mas também ambientais e sociais. É fundamental para o futuro de uma companhia a percepção que a sociedade tem dela; isso que é ser responsável. Cabe ao presidente corporativo olhar para o futuro e posicionar sua empresa da forma que a sociedade espera, e isso, certamente, será seu maior desafio, sem deixar cair na filantropia pura e simples. Só existe uma maneira moderna de gerenciá-la de forma socialmente responsável: equilibrando a criação de valor econômico com valor social e ambiental em todas as decisões tomadas.

C&P - O que o presidente precisa fazer para levar sua empresa a ser bem sucedida no quesito responsabilidade social?

Penido - Tem que ter habili-

dade e a noção clara para enxergar a hora que a empresa tem que procurar o justo equilíbrio, a harmonia nessa criação de valores. Um grupo como o nosso, tem que ter competência para dialogar com todos os públicos. Eu tenho dado importância a esses itens, por que considero que a minha responsabilidade é colocar a empresa que presido numa posição adequada para a construção do seu futuro. Atender à expectativa não apenas do empregado, do acionista e do cliente, mas de todos os outros públicos que interagem com a empresa. Eu diria que essa é a forma que será bem sucedida, nos próximos anos, para gerenciar uma empresa do porte da VCP.

Um grupo como o nosso, tem que ter competência para dialogar com todos os públicos

C&P - Como o senhor avalia o setor de celulose mundial? Quais suas perspectivas?

Penido - Na celulose, estamos vivendo um ciclo de alta, com demanda crescente que se reflete em preços ascendentes. Casualmente, nos últimos meses os preços fize-

ram uma ligeira flexão para baixo, o que é natural. Numa avaliação mundial, a economia na Europa vai bem; o Japão recomeça a crescer; a China está crescendo muito, e a preocupação é se o governo chinês está freando um pouco esse crescimento para níveis mais administráveis; os Estados Unidos parecem muito sólido com a estabilidade da economia, tivemos quase que um boom de procura de commodities, que tiveram seus preços elevados.

C&P - E no Brasil?

Penido - Aachamos que a celulose continuará com a demanda em ascensão por um bom tempo; no mínimo, durante o próximo ano, ainda teremos uma tendência de alta. Não é normal esperar que a economia continue sem ter períodos de ajuste. Acredito que a perspectiva para 2005 é de alta, e não será de se estranhar que os anos de 2006, 2007 e, principalmente, 2008 sejam anos com maior oferta de celulose superando a demanda, como reflexo da entrada de novas capacidades.

C&P - Conte-nos um pouco do senhor. Nas horas vagas, quais são seus hobbies?

Penido - Ouvir música que para mim é uma terapia, me tranqüiliza. Eu aprecio todo o tipo, desde clássica até sertaneja, passando por Pop

Nacional como o Skank e Biquíni Cavado. Quando viajo pelo mundo volto para casa com cds de artistas regionais. Já trouxe alguns, por exemplo, da Arábia Saudita, China e Taiti. O que também me diverte muito é a leitura. Quando estou em casa sempre estou lendo. Em compensação, não sou muito fã de cinema, eu sempre acabo dormindo... Assisto apenas alguns filmes mais comentados. Outro hobby é ir ao teatro, que prefiro ao cinema.

C&P - Na sua vida atribulada de executivo, há tempo para praticar esportes?

Penido - Com certeza, até porque gosto muito de esportes. Jogo golfe e tênis (de dupla), além de praticar caminhadas no Parque do Ibirapuera.

C&P - Como é a família?

Penido - Sou casado há 33 anos com a Glete. Temos quatro filhos. Dois moram em Belo Horizonte, uma em Roraima e outra em São Paulo. O meu xodozinho é a minha netinha de 2, que mora em BH. Dou muito valor à família, pois é o que me dá estabilidade emocional, me faz realmente feliz.

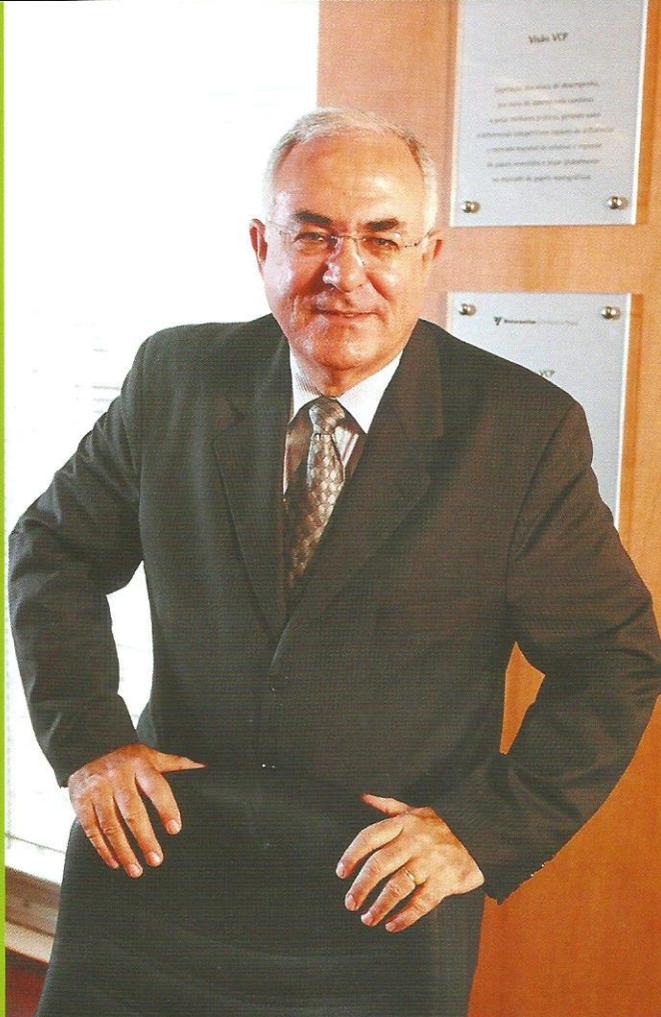


Foto: divulgação

C&P - O senhor é otimista?

Penido - Muito. No âmbito profissional, por exemplo, o Grupo Votorantim e a VCP têm um futuro desafiador pela frente. Vejo a VCP crescendo e destacando-se no mercado mundial, tanto em celulose quanto em papel, nos próximos 15 anos, época em que o setor estará ainda mais interessante. E estou muito motivado em fazer parte desse crescimento.

C&P - Quais seus projetos de vida?

Penido - Quando eu me aposentar, o que vai demorar muito tempo, farei três coisas prioritárias: curtir meus netos, estudar História das Civilizações e comprometer-me com um trabalho voluntário.

C&P - Três palavras para definir Jos Luciano Duarte Penido.

Penido - Responsável, perseverante e aplicado.

Vanessa Cecília da Silva

C&P - Uma lembrança, uma saudade?

Penido - Na verdade não tenho saudade ou uma lembrança, em especial. Uma coisa que eu e minha esposa aprendemos nesses anos foi viver intensamente o agora. Por exemplo: começamos a vida e fomos morar no Amapá, no meio da selva amazônica, a cinco horas de Macapá. Se eu ficasse pensando: ah, não tem um teatro para eu ir; um jornal ou uma revista para ler, um show para curtir... bem, assim ficaria deprimido, muito triste. Você tem que ver o outro lado. Lá havia atrações únicas como o convívio com casais da nossa idade, uma boa pescaria ou passeios na mata. Tem que curtir, viver intensamente o que a vida te oferece no momento.

saúde

Terapia



Ortomolecular

O equilíbrio que cura

Muito tem sido divulgado sobre Terapia Ortomolecular. Especialmente sobre seus benefícios estéticos, vinculados à boa forma de vários artistas da TV. Porém, este tipo de terapia é uma abordagem da medicina voltada, antes de tudo, para a prevenção de doenças, recuperação e manutenção da saúde, a partir do equilíbrio bioquímico do organismo.

Por causa de uma série de agentes agressivos como cigarro, raios solares, gorduras, poluição, estresse e metais pesados, entre outros, podem ocorrer falhas nas reações químicas do organismo, gerando enfermidades. Além disso, todos estes fatores nocivos aumentam a formação de radicais livres – substâncias que “enferrujam” o corpo e dificultam sua recuperação.

É aí que entra a Terapia Ortomolecular, ao organizar e suprir novamente o organismo com seus componentes fundamentais e controlar o excesso de radicais livres. “Um corpo saudável é refratário aos agentes nocivos, ou seja, consegue resistir às influências biológicas e físicas aos quais estamos expostos”,

explica o Dr. Wilson Alvarez.

Um ponto muito divulgado sobre a Terapia Ortomolecular é a quelação. Trata-se de administrar doses de substâncias (EDTA e DMSO) diretamente no sangue. Porém, esta providência, proibida pela sociedade médica, só deve ser usada em caso de intoxicação grave por metais pesados. Quando isso acontece, as duas substâncias do soro colam-se aos metais e os eliminam via excreção. O problema é que muitas vezes as pessoas querem fazer a quelação com a esperança de rejuvenescimento e embelezamento, sem se dar conta da responsabilidade envolvida em tal manobra.

A Terapia Ortomolecular tanto pode atuar sozinha como integrada com outras linhas medicinais, dependendo da necessidade. “A depressão, por exemplo, deve ser tratada junto com um alopático (medicamento farmacêutico). Os atendimentos de Pronto-Socorro também devem seguir a prescrição tradicional. Porém, há uma gama de problemas que podem ser tratados somente com a ortomolecular, obtendo-se excelentes resultados.

Para distúrbios crônicos, não há nada melhor”, ressalta o Dr. Wilson Alvarez.

Em geral, a Terapia Ortomolecular é utilizada junto com a Oligoterapia e a Medicina Funcional. Assim, atua não somente sobre o controle de radicais livres como também sobre os tecidos com distúrbios, superando as causas da doença.

Por se tratar de uma abordagem que lança olhar sobre vários aspectos envolvidos na formação das enfermidades e na promoção da cura, é considerada uma terapia holística (do grego hólos = ‘completo’, ‘inteiro’). Aproxima-se, nesse sentido, das linhas orientais.

A Dra. Samira Credidio, por exemplo, faz uso da Medicina Ayurvédica, da Fitoterapia e da orientação nutricional. “O importante é o bem-estar e a saúde do paciente, independentemente dos recursos usados”, afirma a médica, que inicialmente estudava a Terapia Ortomolecular para tratar de si mesma. “Ninguém vai viver aqui eternamente, mas o tempo que passamos, temos que viver com qualidade”, completa Credidio.

RIPASA muda de mãos

A Suzano Bahia Sul e a Votorantim Celulose e Papel compraram em novembro a Ripasa, tradicional indústria do setor, com 45 anos de atuação e quatro unidades produtoras no Estado de São Paulo. O valor da transação foi de US\$ 720 milhões, abrangendo 100% das ações ordinárias e 59% do capital total, que era de propriedade da holding ZDZ, criada pelas famílias Zogbi, Derani e Zarzur. Os novos controladores reestruturarão a empresa, mas manterão seu nome e sua individualidade.

O negócio impulsiona os planos de desenvolvimento da Suzano e da VCP, que terão igual participação no capital da nova controlada.

O diretor presidente da VCP, José Luciano Penido, que é o entrevistado desta edição de C&P, afirmou em informe oficial depois da negociação fechada, que "a VCP consolida sua estratégia de crescimento sustentável, confirmando que está atenta a oportunidades de fusões e aquisições". Na metade do ano, a Suzano despontou como a primeira interessada na compra da Ripasa, que era disputada também pela sueco-finlandesa Stora Enso e pela americana International Paper. Firmando na última hora, o acordo com a VCP permitiu concluir o negócio com êxito.

Inovação na linha de produtos da RIGESA

Embalagens com avançadas tecnologias em impressão, corte e vinco e acabamento, direcionadas para diversos segmentos como logística e produtos de mídia digital, fazem parte da linha de produtos confeccionados pela Rigesa, uma empresa do grupo MeadWestvaco, que atua há 62 anos no mercado brasileiro de papel, embalagens de papelão ondulado e de papel cartão, sendo fabricante global líder em embalagens de papéis revestidos e especiais. As novidades são:

Bulk Container - São embalagens de papelão ondulado com as paredes internas tratadas e miolos de fibra longa e virgem que também recebem tratamento químico especial. Com alta resistência à pressão, versatilidade e baixo custo, se comparadas a outros materiais, as

embalagens Bulk Container podem ser produzidas em diversos formatos para transporte de materiais pesados ou de grande volume, tanto sólidos quanto líquidos. Facilidade de armazenagem, manutenção e transporte fazem dessa linha de produtos uma opção bastante vantajosa para operar a logística de qualquer empresa.

Digipak® - O Digipak®, embalagem para produtos de mídia digital (CDs, DVD's e CD-ROM's) permite a combinação de plástico e papel-cartão de alta qualidade em layouts e formatos diferentes. O sistema, que possibilita a utilização de diversos recursos gráficos, como tintas e vernizes, hot-stamping, texturas e relevos, oferece possibilidades criativas de design, destacando e valorizando a exposição dos produtos.

Fundação Ema Klabin: novo museu para São Paulo



Ema: doação ao Einstein em 1957



Fundação Cultural Ema Gordon Klabin
Informações: www.fcegk.org.br



No primeiro semestre de 2005, a cidade de São Paulo ganhará o Museu Fundação Cultural Ema Gordon Klabin. A Fundação já recebe profissionais da área e pesquisadores, além de contribuir com inúmeras exposições no Brasil e na Europa e com o empréstimo de algumas peças (ao todo, 1.515). "A família Klabin sempre foi muito envolvida com a cultura do país", lembra o curador da Fundação, Paulo de Freitas Costa. De acordo com ele, um dos projetos, logo que a Fundação seja aberta ao público, é criar um espaço para eventos, exposições, concertos e outras atividades. Localizada à rua Portugal, nº 43, a construção tem cerca de 900

metros quadrados, tendo sido projetada e construída pelo engenheiro-arquiteto Alfredo Ernensto Beecker, em meados dos anos 50.

Ema nasceu no Rio de Janeiro, em 1907. Era filha de Hessel Klabin e Fany Gordon Klabin, imigrantes lituanos que vieram para o Brasil e fundaram, em 1899, a centenária Klabin Irmãos & Cia., em São Paulo. Dedicou-se a atividades filantrópicas e assistenciais, dentre as quais se destaca a doação do terreno para a construção do Hospital Israelita Albert Einstein em São Paulo.

Vendas de papelão ondulado em crescimento

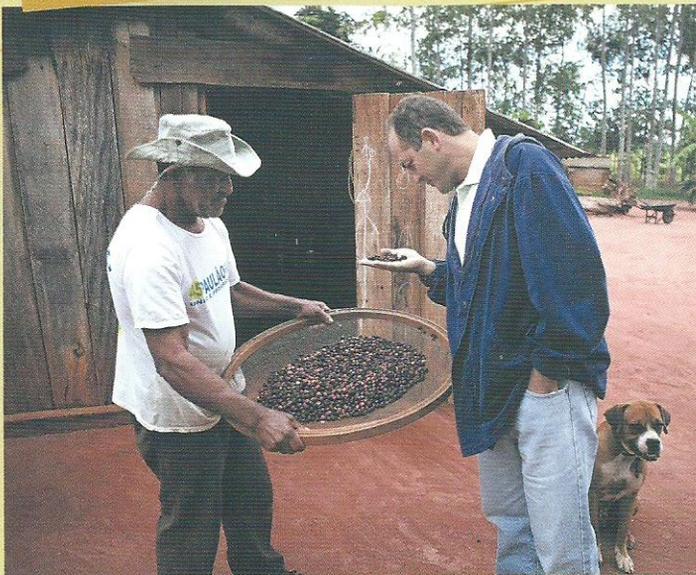
As vendas do setor de papelão ondulado, considerado a embalagem das embalagens, e, por isso, um dos termômetros da economia, foram de 183,1 mil toneladas em outubro, com crescimento de 3,4% em relação a outubro de 2003. A evolução do setor até outubro de 2004 foi de 12,2%, com vendas de 1.757 mil toneladas (1.567 mil toneladas em 2003).

Os dados são da ABPO - Associação Brasileira do Papelão Ondulado. "Até outubro nosso setor acumulou crescimento de 12,2% em relação a igual período do ano passado. Esse crescimento é percentual de nossas vendas em 2004 ainda não garante a recuperação das perdas sofridas em 2003", comenta Paulo Sérgio Peres, presidente da Entidade.

Unidade da Klabin recebe certificações de gestão

A Klabin Papéis Angatuba, no interior de São Paulo, foi a primeira empresa da cidade a receber os certificados de gestão de qualidade e de meio ambiente, concedido pelo BVQI (Bureau Veritas Quality Internacional).

A unidade recebeu ISO 9001 e ISO 14001 logo na primeira auditoria realizada, quando apresentou total conformidade com as normas do BVQI. O certificado de Qualidade ISO 9001 foi implementado com o objetivo de comprovar que determinada empresa utiliza métodos e ferramentas de gestão que possibilitam ganhos de eficiência e maior satisfação de seus clientes. Já o certificado de Gestão Ambiental ISO 14001 atesta responsabilidade ambiental no desenvolvimento de suas atividades.

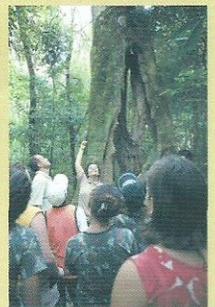


Brasileiro é um dos vencedores do THE ROLEX AWARDS FOR ENTERPRISE

O engenheiro florestal brasileiro Laury Cullen Jr, 38 anos, é um dos laureados do The Rolex Awards for Enterprise 2004, promovido pela Rolex S.A. Cullen, que é coordenador de pesquisas do IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, foi contemplado graças ao seu projeto “Transformar agricultores em conser-

vacacionistas para preservar a Mata Atlântica e sua fauna, recuperar e plantar economicamente em suas pequenas propriedades, conferidas por assentamento”. Nos últimos nove anos, o engenheiro tem focado seus esforços para conservar fragmentos remanescentes da Mata Atlântica, que já ocupou uma grande parte do Brasil. Trabalhando com pequenos proprietários de terras, ele está provando que as técnicas agroflorestais podem reanimar o solo degradado enquanto preserva a floresta e sua excepcional fauna. O brasileiro premiado receberá um cheque de \$ 35,000 e um cronômetro Rolex de aço e ouro.

Criado em 1976, o Rolex Awards for Enterprise é promovido a cada dois anos, com um objetivo: conceder apoio financeiro a projetos relevantes (que passam por um rigoroso comitê julgador, formado por especialistas de renome internacional) e reconhecer indivíduos, independente da nacionalidade ou idade, com potencial de concretizá-los para o benefício coletivo. Entre as categorias julgadas no prêmio estão: Ciência e Medicina; Tecnologia e Inovação; Exploração e Descoberta; Meio Ambiente e Patrimônio Cultural. Inscrições para o The Rolex Awards for Enterprise 2006 já estão abertas e vão até 31 de maio de 2005.



Informações: www.rolexawards.com

TROMBINI. A PROTEÇÃO DO SEU PRODUTO.

Entre dois parques, em Curitiba, as unidades industriais da Trombini são referência nacional em controle ambiental.

E DO MEIO-AMBIENTE.

A função primordial de uma embalagem é proteger o que foi embalado. Por isso, a Trombini se esmera no desenvolvimento de embalagens de papelão ondulado e de sacos de papel multifoliados, que são sinônimo de proteção ao seu produto, quando ele for transportado e até exposto no ponto-de-venda.

No entanto, esta proteção é apenas parte do produto que comercializamos, pois oferecemos ao mercado embalagens 100% ecológicas.

Recicláveis e biodegradáveis, como nenhum outro tipo de embalagem é.

E mais: produzidas em plantas industriais modernas, com absoluto controle ambiental, sem poluição hídrica, atmosférica ou sonora.

Por total responsabilidade ambiental.

Assim, além de proteger o produto, as embalagens Trombini se orgulham em poder afirmar que protegem, também, o meio-ambiente.

E isso é muito importante, para todos.



TROMBINI

A PROTEÇÃO DO SEU PRODUTO

www.trombini.com.br

Bracelpa participa de reunião da FAQ/ONU

Mário Leonel

Como representantes da indústria brasileira de celulose e papel, o presidente do conselho deliberativo da Bracelpa, Boris Tabacof, e o diretor executivo da entidade, Mario Leonel, participaram, em outubro, da reunião do Advisory Committee on Paper and Wood Products da FAO/ONU e da reunião do International Council of Forest and Paper Associations (ICFPA), realizadas em Roma.

O comitê, cujos participantes representam o setor florestal e papelero da Europa, Américas e Ásia e tem como chairman Boris Tabacof, assume um importante papel como facilitador entre o setor privado e os governos de países com destacada participação na indústria de celulose e papel, fruto da intensa participação de seus

representantes para assegurar o correto direcionamento das decisões da entidade.

Durante a reunião do comitê da FAO, foram abordados diversos tópicos que realçam seu poder de ação e influência. Foram também avaliadas as estratégias adotadas pela entidade, como o desenvolvimento de um código de conduta sobre florestas plantadas, de aplicação em âmbito mundial, e que resultará no reconhecimento das vantagens e benefícios decorrentes da expansão das áreas de plantação de florestas para fins industriais. O plenário do comitê FAO/ONU reconheceu publicamente a liderança do Brasil na atividade de florestas

plantadas para fins industriais. Outro tema significativo discutido no encontro – e uma das bandeiras defendidas pela Bracelpa – foi o do desenvolvimento de materiais de orientação e práticas de responsabilidade social corporativa dirigidos às indústrias do setor em todo o mundo. Nesse tópico, a participação brasileira adquiriu maior relevância, emba-

da pela sólida experiência na realização de práticas sociais tradicionalmente mantidas pela indústria no país. Tais práticas, reconhecidas como um fator de geração de empregos, renda e riqueza, são uma das preocupações do organismo internacional.

Ainda na agenda do encontro, foram discutidos os temas norteadores da próxima

conferência de cúpula Global Forest and Paper Summit 2005, evento de grande significado para a indústria global de celulose e papel. O evento acontece no próximo ano, no Canadá, reunindo CEOs e lideranças do setor de celulose e papel, além de autoridades dos maiores países produtores.

Com participação ativa e direcionada ao fortalecimento das oportunidades de influência do setor brasileiro de celulose e papel, a Bracelpa desenvolve um acompanhamento conseqüente e frutífero das questões decisivas para o futuro global dessa indústria junto às mais representativas instituições internacionais do setor.

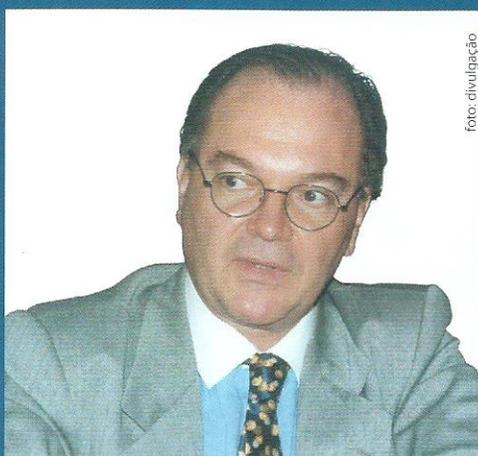


foto: divulgação

Linha Reciclato®

Uma idéia que não pára de dar retorno.

A Suzano sempre desempenhou um papel fundamental para o desenvolvimento do País. E uma prova disso é a sua linha de papéis offset 100% reciclados. Desde 2001, a Linha Reciclato® tem um papel importante na vida de muita gente. Parte do material usado para a produção é adquirida de uma cooperativa de catadores de papel, contribuindo com a geração de renda e emprego. E uma parte da receita obtida com a linha Reciclato® é destinada ao projeto Movimento Cooperativas de Material Reciclável, realizado pelo Instituto Ecofuturo, organização não-governamental criada pelo Grupo Suzano. Suzano Papel e Celulose, uma empresa que sabe que o seu melhor papel é ajudar o Brasil a crescer.



Fischer/América

Cooperativa Coopermare



As principais linhas de papéis do mercado,
nos mais diversos segmentos.
www.suzano.com.br • 0800 555 100

"O melhor do Brasil é o brasileiro" provém de obra de Câmara Cascudo.



SUZANO
PAPEL E CELULOSE



A EMBALAGEM DAS EMBALAGENS.

Grande ou pequeno, leve ou pesado, frágil ou resistente, da indústria ou do campo, dentro de embalagens de papelão ondulado todos os produtos estão em boas mãos. Porque só elas embalam e protegem de verdade. Desenvolvidas sob medida para atender às necessidades de cada produto, as embalagens de papelão ondulado são as mais usadas no transporte e as mais eficientes no emalamento, empilhamento, estocagem e também na exposição no ponto-de-venda. A proteção ao lucro é total, porque o produto chega em ótimas condições ao mercado e aos

consumidores. A proteção ambiental também é total. Eointeligentes, as embalagens de papelão ondulado são naturais, recicláveis e biodegradáveis, elaboradas com papéis reciclados e papéis feitos de fibras naturais, produzidas de florestas planejadas, colhidas e replantadas. Nenhuma outra embalagem é ecologicamente inteligente assim. Por isso, são as embalagens mais usadas no mundo todo.

**Embalagens de papelão ondulado.
A diferença entre embalar e encaixotar.**

Uma campanha:

ABPO ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DO PAPELÃO
ONDULADO

www.abpo.org.br

Apoio: **PENHA**

Patrocínio:



RIGESA
Soluções em embalagem FoodWestvaco



ORSA
Celulose, Papel e Embalagens S.A.



TROMBINI

